

LI E NÃO QUERO MAIS LER: DISCURSO, LEITURA E EMOÇÕES¹

I READ AND I DON'T WANT TO READ ANYMORE: DISCOURSE, READING AND EMOTIONS

Paul Fernand da Cunha Leite²
Luzmara Curcino³

145

Resumo: Neste artigo, derivado de nossas pesquisas vinculadas ao Laboratório de Estudos da Leitura (LIRE-CNPq/UFSCar), nosso objetivo é apresentar a análise de um tipo de enunciado a respeito da leitura no qual sujeitos reconhecidos socialmente como leitores confessam práticas consideradas próprias de maus leitores ou de não leitores, sem que isso se converta em uma declaração envergonhada ou implique riscos à face de seu enunciador. Essas declarações são proferidas por sujeitos que usufruem de *capital cultural* (Bourdieu, 1999) suficiente para lhes fornecer uma certa blindagem simbólica, de modo a lhes autorizar esse tipo de declarações em geral interditadas para outros sujeitos, como a da confissão de não ler certos autores ou a de não ler mais certos gêneros. É uma amostra desse tipo de enunciado, extraído do jornal *O Estado de São Paulo*, que analisamos neste artigo com vistas a refletir sobre o funcionamento discursivo de certos consensos relativos à leitura, nos quais estão implicadas emoções sociais como a “vergonha” e o “orgulho”. Para tanto, recorremos a princípios da Análise do Discurso, da História Cultural da Leitura, da Sociologia da Distinção Cultural e da História das Sensibilidades e das Emoções.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Leitura. Orgulho. Vergonha.

Abstract: In this article, derived from our research linked to the Reading Studies Laboratory (LIRE-CNPq/UFSCar), our objective is to present an analysis of a type of statement about reading in which individuals socially recognized as readers confess to practices considered to be typical of poor readers or non-readers, without this becoming an embarrassing statement or implying risks to their face. These statements are made by subjects who have enough *cultural capital* (Bourdieu, 1999) to provide them with a certain amount of symbolic shielding, so as to authorize them to make statements that are forbidden to other subjects, such as confessing to no longer reading certain authors or discursive genres. It is a sample of this type of statement, taken from a text in the newspaper *O Estado de São Paulo*, that we analyze in this article, with a view to reflecting on the discursive functioning of certain consensuses relating to reading, in which social emotions such as “shame” and “pride” are implicated. To do this, we used principles from Discourse Analysis, the Cultural History of Reading, the Sociology of Cultural Distinction and the History of Sensibilities and Emotions.

Keywords: Discourse Analysis. Reading. Pride. Shame.

¹ Este artigo resulta do Trabalho de Conclusão de Curso e da Iniciação Científica (realizada com apoio FAPESP 2023/11570-1 e 2020/06255-5), recentemente concluídos junto ao Laboratório de Estudos da Leitura (LIRE-CNPq/UFSCar), e inscritos nos Projetos Gerais de Pesquisa coordenados pela docente Luzmara Curcino, intitulados respectivamente “Leitores orgulhosos, leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura”, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP (2020/03615-0), “O orgulho, a vergonha e outros afetos: uma análise das emoções em discursos sobre a leitura” com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (305682/2022-9).

² Graduado no curso de Letras pela Universidade Federal de São Carlos. Membro do Laboratório de Estudos da Leitura (LIRE-CNPq/UFSCar). E-mail: paulfrndleite@gmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0746745449566094>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9322-258X>.

³ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP-FCLAr, docente no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos. Coordenadora do grupo de pesquisas Laboratório de Estudos da Leitura (LIRE-CNPq/UFSCar). E-mail: luzmara_curcino@ufscar.br. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4849994635754652>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3555-1446>.

Introdução

Partimos do pressuposto comum às pesquisas realizadas pelos membros do Laboratório de Estudos da Leitura (LIRE-CNPq/UFSCar)⁴ segundo o qual os discursos incidem sobre as práticas e promovem a identificação dos sujeitos com certas representações, com certas posições-sujeito. Por essa razão, como defende Curcino (2016), sua análise é fundamental para compreendermos seu modo de funcionamento e suas implicações subjetivas e sociais que autorizam certos sujeitos serem reconhecidos como sujeitos de direito a certas práticas enquanto outros não dispõem do direito a esse reconhecimento.

Esse é o caso da prática de leitura. O que em geral se enuncia sobre essa prática, sob o signo do consenso e de modo idealizado, não apenas determina a sua reprodução, como também fornece aos sujeitos os modos ideais de se exercer a leitura e a imagem dos perfis ideais da condição leitora. Em nossa sociedade, nem todos são reconhecidos como leitores, mesmo que saibam ler e que leiam no dia a dia. Isso porque, para que alguém possa ser reconhecido como um sujeito leitor é preciso que ele incorpore os discursos, e com eles os gestos, os rituais, os objetos que compõem o rol de habilidades, gostos e declarações próprios dos “verdadeiros” leitores.

Por essa razão, nem todos se sentem no direito de se afirmarem leitores, mesmo dominando a técnica de decodificação da escrita e a exercendo com regularidade em diversas situações cujas informações e interlocuções são mediadas por textos resultantes desse código. São sujeitos a quem o reconhecimento como leitores é negado. Este é o caso, muitas vezes, dos *não herdeiros*⁵, destes que nasceram em um mundo sem livros e para quem foi negado o contato espontâneo, naturalizado e precoce com livros e outros objetos de leitura, com adultos leitores, dos quais pudessem mimetizar os comportamentos e as declarações relacionados a essa prática cultural.

Diferentemente dos *não herdeiros*, há sujeitos que muito precocemente são expostos aos livros e outros objetos da cultura letrada, aos espaços dedicados a esse objeto e a essa

⁴ Grupo de pesquisa no qual, desde 2009, são formados pesquisadores na área de estudos dos discursos especializados no tema da leitura. Cf. cadastro no Diretório de grupos de pesquisa do CNPq. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6622476256810003>.

⁵ A respeito deste conceito Bourdieusiano, usado para explicar as diferenças socioculturais entre os sujeitos quanto ao acesso à cultura de prestígio, e da qual faz parte a leitura, cf. Chartier (2019).

cultura – como as bibliotecas familiares ou as livrarias – e a certos ritos do exercício da leitura, acompanhados de comentários autorizados a seu respeito. Trata-se dos *herdeiros*⁶ que, como tais aprendem, muito cedo, e de forma aparentemente espontânea, e por isso relacionada muitas vezes com um “dom”, a se identificarem como leitores.

É justamente essa distribuição desigual, em nossa sociedade, do acesso à leitura, do contato precoce com livros, da escuta e aprendizado de discursos autorizados sobre essa prática e esse objeto, o que contribui para produzir e reproduzir formas de manutenção das desigualdades sociais e culturais entre os sujeitos. Essas distâncias resultam desses discursos que, por sua vez, definem “o que” se pode e se deve enunciar sobre práticas e sujeitos, como também “como” se pode e se deve enunciar e “quem” pode e deve enunciar, conforme previsto por certos princípios da Análise do Discurso, que implicam:

147

[...] nos perguntarmos quem fala, de onde fala, segundo que inscrição ideológica, de que posição discursiva. Mais do que reproduzir discursos validados e tornados consensos sociais sobre a leitura, é preciso sempre nos perguntarmos de onde partem e com que objetivos (Curcino; Fancio, 2021, p. 25).

Portanto, todo e qualquer sujeito, ao falar da leitura, de si ou do outro como leitor, se vale de um repertório coletivamente difundido quanto ao que se deve e se pode dizer sobre essa prática e sobre os sujeitos. Não sem razão se apela, frequentemente, a certas emoções sociais, morais, para se referir à leitura e aos leitores. Tal como constata Curcino (2022; 2024), quando enunciamos a respeito dessa prática, tanto o que é dito, como também a maneira como formulamos esse dizer implicam certas emoções, e a “vergonha” e o “orgulho” são as emoções prioritariamente evocadas, atualizadas nos discursos sobre a leitura. Por essa razão, sabemos, em grande medida, quais emoções são ou não adequadas de se manifestar quando nos referimos à leitura:

Ao se enunciar sobre a leitura, a ‘vergonha’ e o ‘orgulho’ são as emoções protocolares que emergem. Essa emergência conta com uma relativa previsibilidade quando se considera a origem de classe daqueles que enunciam(se) em relação à leitura ou daqueles que são referidos na enunciação quando se fala dessa prática cultural. (Curcino, 2022, p. 6)

⁶ O mesmo da nota anterior.

Entre as emoções normalmente convocadas para se falar da leitura, a “vergonha” e o “orgulho” se destacam tanto por sua frequência, quanto por sua força subjetivadora. O enfoque específico desta nossa análise recai sobre as declarações, espontâneas ou motivadas, de leitores contemporâneos que expressam o orgulho de sua condição leitora em enunciados nos quais declararam não terem lido certas obras e autores. Seja negando-se peremptoriamente a ler determinadas produções textuais, seja confessando não ter lido alguma obra, em geral canônica que se pressupõe dever ter sido lida, o efeito de sentido produzido é bastante singular: mesmo revelando práticas que destoam daquelas tidas como próprias do bom leitor, do leitor ideal, esses sujeitos, cientes de sua blindagem simbólica como leitores, podem fazer referência à não-leitura, sem que sua imagem como leitor seja de fato fragilizada.

Assim, se os discursos têm impacto sobre nossas práticas, é preciso descrevê-los em suas *materialidades discursivas*⁷, isto é, em suas especificidades e nas variações ou regularidades de sua formulação e de sua circulação, para melhor exercermos essas práticas. E se as emoções participam do que enunciamos quando falamos dessa prática, quando falamos de nós ou do outro, como leitores ou como não-leitores, logo, é preciso descrever essas emoções derivadas desses discursos e deles constitutiva.

Como modo de contribuir com reflexões sobre a leitura, analisamos aqui uma amostra desse tipo de enunciado que tematiza a leitura e que em sua enunciação as emoções do “orgulho” ou da “vergonha”, ou ambas, estão implicadas de modo peculiar, cujos enunciadores “revelam”, “confessam” práticas de não leitura, sem com isso colocarem em risco seu *ethos* leitor. O *ethos* diz respeito à imagem que se constrói de si quando se enuncia, e isso em função do que se enuncia e especialmente do modo como se enuncia. Para Amossy (2011, p. 9):

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si.

⁷ Cf. Michel Pêcheux (1995).

1 A construção de um corpus de enunciados sobre a leitura

Na pesquisa da qual deriva este trabalho, constituímos um *corpus* com enunciados⁸ coletados em acervos digitais de dois jornais de grande circulação nacional, a *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*. Fizemos um levantamento, na última década, de 2010 a 2022, de textos que trataram ou evocaram, ainda que brevemente, o tema da leitura, valendo-nos do próprio buscador desses acervos, mobilizando como palavras-chave os termos “leitura”, “leitor”, “livro”, “biblioteca”, relacionados aos termos “vergonha” e “orgulho”, em combinações como “leitor e vergonha”; “leitura e orgulho”; ou também mobilizando expressões como “não lê nunca” “não lê nada” ou “não sei ler”. Da leitura dos textos resultantes dessas buscas, procedemos a sua seleção e a seu registro em arquivos onde constavam informações bibliográficas (título do texto; nome do autor; caderno editorial; seção, página, data, link de acesso, data de acesso).

Nesses textos, os enunciados que apresentavam referência à leitura articulada a indícios das emoções da “vergonha” ou do “orgulho”, eram então transcritos e classificados em 5 categorias: 1) “leitor orgulhoso” (G1, com 820 enunciados), 2) “leitor com orgulho alheio, do outro” (G2, com 441 enunciados), 3) “(não) leitor envergonhado” (G3, com 12 enunciados), 4) “(não) leitor com vergonha alheia, do outro” (G4, com 190 enunciados) e 5) “leitores que afirmam orgulho por meio de formas específicas de manifestação de vergonha por não lerem ou não lerem o que se esperaria que tivessem lido, ou não lerem como se esperaria que deveriam ler” (G5, com 157 enunciados).

Para essa classificação dos enunciados nessas categorias, apoiamo-nos em um procedimento tradicional da AD de estabelecimento de relações de equivalência e de encadeamento entre enunciados, tanto no interior de cada texto quanto entre enunciados provenientes de textos diferentes (de enunciadores, gêneros discursivos e datas distintos). Para tanto, consideramos suas *condições de produção*, mediante a identificação e a simulação de possíveis cadeias parafrásticas, ou seja, da identificação e da reunião de

⁸ CURCINO, L; LEITE, P. F. C. Leitores orgulhosos, leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura. Repositório Institucional da UFSCar, 2024. Dataset. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/21146>.

enunciados em *formações discursivas*⁹ comuns ou distintas, relativas aos discursos sobre a leitura.

A partir dessa seleção e categorização inicial, procedemos a uma outra subcategorização, dessa vez considerando certa variação interna, no interior de cada um desses 5 grupos iniciais, quanto ao que era enunciado e ao modo como era enunciado. É uma amostra de enunciados do grupo 5 de que nos ocupamos neste trabalho, ou seja, de enunciados em que leitores enunciavam de forma orgulhosa práticas de não leitura, ou de forma envergonhada as suas práticas leitoras que sabem não dispor de prestígio, e que o fazem sabendo estarem respaldados pelos discursos consensuais sobre essa prática. Diferentemente desse tipo de revelação implicar algo de que se possa sentir vergonha, ela produz como efeito de sentido uma forma peculiar de manifestação de orgulho da própria condição leitora, como veremos na análise.

150

2 Li e não quero mais ler

O jornalista Carlos Alberto di Franco, na seção “Espaço Aberto” do “Estadão”, publicou o texto “Voto consciente muda tudo”, em 18 de abril de 2022, no qual narra uma conversa sua com um estudante universitário, em um evento acadêmico no qual havia proferido uma palestra a convite da instituição. Dessa conversa, ele destaca que o estudante declarou-lhe ter deixado de ler jornais. O tema da leitura, e neste caso da leitura de um gênero específico, emerge sem que ele seja de fato o assunto principal do texto em questão.

Recentemente, depois de uma conversa com estudantes, em São Paulo, fui abordado por um universitário. **Leitor voraz, inteligente e apaixonado**, seus olhos emitiam um sinal de desalento. **“Deixei de ler jornais”**, disse de supetão. “Não adianta o trabalho da imprensa”, prosseguiu meu interlocutor. “A impunidade venceu”.¹⁰

⁹ Para Michel Pêcheux (1997) as formações discursivas atuam como instâncias que organizam e determinam o que se pode dizer e os modos legítimos de fazê-lo, assim como assume a função de matriz dos efeitos de sentido do dizer.

¹⁰ DI FRANCO, C. Voto consciente muda tudo. São Paulo: O Estado de São Paulo. Opinião, p. 5. 18 abr. 2022. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20220418-46934-spo-5-opi-a5-not/busca/leitura+n%C3%A3o>. Acesso em: 16 out. 2024.

O principal argumento deste artigo de opinião publicado no referido jornal é o de que os cidadãos, o que inclui os leitores da coluna, devem aprender a eleger candidatos políticos com trajetórias que comprovem o seu trabalho sério e competente (“há muita gente boa, séria, preparada”), para que, democraticamente, o Brasil possa, enfim, combater a corrupção que, segundo o autor, continua sucateando os setores e serviços públicos: “educação, saúde, segurança, transporte são incompatíveis com o tamanho e a importância do Brasil”.

A forma como o enunciador constrói esse argumento, parte de um *acontecimento discursivo*¹¹, que “está ligado não apenas a situações que o provocam, [...] mas, ao mesmo tempo, [...] a enunciados que o precedem e o seguem”. O *acontecimento* relatado é o de encontro do jornalista com jovens universitários, que o enunciador descreve mobilizando representações da juventude que remontam a uma *memória discursiva*¹² dada, cuja visão idealizada e nostálgica, e um tanto dramática do jornalista, se manifesta ao definir a juventude por meio de um léxico peculiar, como um tempo marcado por “idealismo, paixão e faísca da esperança”. O enunciador atribui esses adjetivos eufóricos à juventude, o que se contrapõe ao jovem estudante que lhe faz a confissão descrente, pessimista, por isso preocupante.

É o contraste entre essa representação idealizada da juventude e a realidade do jovem que lhe dirige a palavra que, segundo o jornalista, tinha “olhos [que] emitiam um sinal de desalento”, o mote para o jornalista fazer sua crítica à política e convocar a sociedade a votar com consciência. Na verdade, ele reitera um lugar comum, elitista e autocentrado, ao fazer um elogio à classe média, que ele considera mais apta que a maioria da população na condução dos destinos do país: “As massas desvalidas, reféns do populismo interesseiro e da desinformação, só serão acordadas se a classe média decidir dar um basta”. O jovem é descrito prototípicamente como o leitor ideal, proveniente dessa classe, “leitor voraz, inteligente e apaixonado” e que revela ter “deixado de ler jornais”.

Os elogios do jornalista ao perfil leitor do jovem universitário são mobilizados para fortalecer seu diagnóstico negativo do cenário político cujo argumento é a gravidade de um jovem leitor universitário “deixar de ler jornais”, em função não de sua falta de interesse, ou

¹¹ Cf. Foucault, 2000, p. 32.

¹² Cf. Courtine, 1999.

de preparo intelectual, não de sua falta de acesso ou recursos, nem em função da qualidade da escrita, mas sim do cenário político desalentador que ocupa a pauta dos jornais. O enunciador mobiliza tanto a imagem idealizada da juventude quanto a imagem idealizada da leitura, como prática exercida cotidianamente e naturalmente por membros da classe média brasileira bem estabelecida, que se beneficia da imagem de ser bem-informada, para criticar a política e o povo, ou seja, o grupo mais desprotegido socialmente e considerado pouco ou mal-informado. À reboque, o jornalista ainda aproveita para valorizar o jornal e os seus leitores. O discurso mobilizado é o de que a leitura exerce papel crucial na formação intelectual, profissional e política dos sujeitos¹³, como prática que possibilita a ascensão social, que torna as pessoas mais “inteligentes” e que, portanto, contribui para que saibam votar.

Não sem razão, o enunciador afirma que o jovem é um “leitor voraz”, que lê muito e com frequência, inclusive e, talvez, sobretudo, jornais. A escolha do plural em “jornais” também não é aleatória. Ela explora tanto a referência a um dos materiais de leitura que dispõe de valor simbólico distintivo, quanto a alusão de que o jovem seria um leitor que lê mais de um jornal, e que assim seria mais apto que outros para escolher suas lideranças políticas. É esse o argumento mobilizado pelo jornalista que sai em defesa de sua profissão e do meio em que trabalha, o jornal, assim como de sua classe social, aquela dos que podem escrever e ler textos de jornais.

Para o jornalista, seu argumento fica mais crível quando atribuído a um perfil insuspeito, o de um jovem, universitário, leitor voraz, consumidor de jornais, logo, alguém que, por ser jovem, é também esperançoso, corajoso, animado e, como leitor, alguém que lê sempre, muito e que dispõe de *capital cultural*. A sua declaração de que não lê mais jornais não é, portanto, revelada como um demérito de seu perfil leitor, como uma anomalia ou defeito. Trata-se do resultado de outro problema, que deve ser conhecido e combatido. Seu *status* de bom leitor não é colocado em xeque quando afirma “não ler mais jornal”. Ele se mantém intacto.

O enunciador, a partir da menção ao comentário do universitário, jovem e leitor, apresenta os jornais, os textos da mídia, como sendo a fonte mais adequada para se dispor

¹³ Cf. Britto e Barzotto, 1998, p. 2.

de informação de qualidade e de formação política e conscientização de (e)leitores, ao mesmo tempo em que declara que não são mais lidos e por isso não surtem mais efeito: “não adianta o trabalho da imprensa [...] a impunidade venceu”.

Essa declaração do jovem universitário não põe em risco sua imagem leitora. Ela a reforça. Ao afirmar “deixei de ler”, o jovem reitera que lia e estabelece um marco temporal e uma razão para a suspensão da leitura de um gênero específico. Se para alguns a confissão de ter deixado de ler, ou de não ler, pode ser julgada como um defeito, um demérito, um problema, para outros declarações como esta não afetam sua imagem leitora, não melindram seu benefício de classe, seu prestígio cultural. Somente os *herdeiros* contam com esse privilégio.

3 Algumas considerações

Segundo a *ordem discursiva*, conforme definida por Foucault (1999), importa “quem” enuncia. Aliás, quando o assunto diz respeito a práticas culturais de prestígio, como é o caso da leitura, “quem” enuncia sabe que dispõe ou não de *capital cultural*, como discutido por Bourdieu (1999), e por isso se refere a essa prática e a si próprio como leitor ou como não leitor a partir desse lugar e do reconhecimento que cada sujeito sabe dispor ou não quanto à legitimidade de sua condição leitora.

Esse jovem, de sua posição sujeito, ciente do funcionamento dos discursos sobre a leitura e do quanto esses discursos se convertem em benefício simbólico para quem se declara leitor, não teme que sua imagem de leitor ideal seja afetada. Não estamos diante de alguma ressalva, de algum senão, da revelação de algum erro, da confissão de algum desvio relativo à leitura. Mesmo quando a formulação desse enunciado sugere algo que pudesse ser motivo para vergonha cultural (deixar de ler jornais), ainda assim, o efeito de sentido visado em sua enunciação vai ao encontro do reforço de sua imagem como leitor voraz, como leitor seletivo, criterioso, exigente.

Portanto, ao declarar sua objeção de ler os jornais, graças ao benefício simbólico que dispõe por ser socialmente reconhecido como leitor, a negação de continuar lendo jornal é acompanhada de uma justificativa enobrecedora ou então o contexto de sua formulação

prescinde de uma justificativa. Declarações de não leitura como esta do jovem universitário, tal como relatadas pelo jornalista, advém das garantias simbólicas que ambos dispõem. Em última instância, declarações incisivas e dramáticas como esta do jovem que afirma “não ler mais jornal”, representam uma excentricidade, aquela de ostentar a sua imagem leitora a partir da negação da leitura de jornais. E todos nós sabemos que nem todos nós dispomos desse benefício. Aliás, menos do que prejudicar sua imagem como leitor, a “decisão”, “revelação” do jovem universitário é ocasião para o jornalista reforçar suas qualidades leitoras.

Ademais, este é um leitor que revela ter deixado de ler jornais, mas não faz menção aos livros ficcionais ou acadêmicos, de modo que fica implícito que este sujeito, descrito como “leitor voraz, inteligente e apaixonado”, ou seja, um leitor ideal, continua a realizar outras leituras. Quando ao enunciar, a especificação de que não vai mais ler “jornais”, é a ressalva “não mais” que mantém o pressuposto de que ele “era” e de que “é” leitor, e de que continuará lendo outros textos como sempre fez, e que teria razão em suspender a leitura de jornais, não por culpa dos jornais, mas da realidade política pouco atrativa para que esse jovem invista seu tempo nessa leitura.

Não se pode desconsiderar o papel das mídias e da imprensa ao reproduzir tais consensos e discursos sobre a leitura, que tendem a funcionar como palco para promoção de alguns sujeitos. Como constataram Abreu (2001, 2008), Britto (1999), Curcino (2016, 2022), invisibilizam-se as causas que impedem os sujeitos de se tornarem leitores, em benefício da reprodução sistemática, por diversos meios e formas, dos consensos sobre a leitura que elegem leitores ideais. Mobiliza-se a leitura nas mídias como prática nobre e de classe, sem que se problematizem os motivos que impedem que a grande maioria do povo brasileiro possa tornar-se leitora.

Referências

ABREU, M. Um leitor sem vergonha – como falar dos livros que não lemos. *Revista Língua Escrita*. Belo Horizonte: FaE/UFMG, n. 4, p. 103-110, 2008. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/lingua-escrita-n-4.html>. Acesso em: 10 jan. 2025.

ABREU, M. Diferença e Desigualdade: Preconceitos em Leitura. In: MARINHO, Marildes (Org.). *Ler e Navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras, p. 139-157, 2001.

AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à Análise do discurso. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a noção de ethos*. São Paulo: Contexto, 2011.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, p.71-79, 1999.

BRITTO, L. P. L.; BARZOTTO, V. H. Promoção X Mitificação da Leitura. *Em Dia: Leitura & Crítica*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

BRITTO, L. P. L. Máximas impertinentes. In: PRADO, J.; CONDINI, P. (org.). *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

CHARTIER, R. Ler sem livros. *Linguasagem*. v. 32, p. 6-17, 2019. Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/655/396>. Acesso em: 10 jan. 2025.

COURTINE, J-J. O chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, F.; LEANDRO F. M. C. (org.). *Os Múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, p. 15-22, 1999.

CURCINO, L. As emoções em discursos sobre a leitura. In: PIOVEZANI, C; CURCINO, L; SARGENTINI, V. (org.). *O Discurso e as Emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos*. São Paulo: Parábola, p. 79-92, 2024.

CURCINO, L. Leitores orgulhosos, Leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura. *Álabe - Revista de Investigación sobre Lectura y Escritura*. Red Internacional de Universidades Lectoras - Espanha. n. 25, 2022. Disponível em: <https://ojs.ual.es/ojs/index.php/alabe/article/view/7695>. Acesso em: 01 set. 2024.

CURCINO, L. Discursos hegemônicos sobre a leitura e suas formas de hierarquização dos leitores. In: CURCINO, L.; SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C. (org.). *(In)subordinações contemporâneas: consensos e resistências nos discursos*. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

CURCINO, L.; FANCIO, A. C. A. De novo essa mesma história... uma análise de representações do leitor popular no programa Conta pra Mim. *Revista Linha Mestra*, Campinas, v.15, n. 45, p. 23-33, 2021. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/898>. Acesso em: 04 jan. 2025.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

PÊCHEUX, M. *O discurso*: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1997.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Pontes, 1995.